

IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA NA PRODUÇÃO ESCRITA EM INGLÊS: articulação entre a formação docente e a orientação à queixa escolar

THE IMPACT OF GENERATIVE ARTIFICIAL INTELLIGENCE ON WRITTEN PRODUCTION IN ENGLISH: linking teacher training and guidance on school complaints

ROSA FRASÃO OKERENTA (FEUSP)¹

Resumo:

Esta pesquisa tem o objetivo de fazer uma análise do processo de produção escrita em inglês apresentado como queixa escolar diante do uso da inteligência artificial generativa, e como as relações que se estabelecem entre o processo educacional de letramento e a estrutura social mais ampla se compreendem nessa articulação a partir da abordagem de atendimento ‘Orientação à Queixa Escolar’, que perpassa as dimensões econômicas, políticas e culturais da sociedade. Sabendo que a produção escrita escolar requer motivação e propicia uma tomada de consciência em um plano arbitrário e intencional que marca o pensamento (Vigotsky, 2009), buscam-se estratégias conjuntas para a compreensão dessas queixas por meio de levantamento de hipóteses que possam contribuir para a criação de sentidos e o desenvolvimento de caminhos e novas possibilidades de ações. Além disso, a promoção da circulação de informações pertinentes tanto quanto a integração da rede escolar mobiliza potências que não culpabilizam, mas fortaleçam a movimentação da queixa no sentido da superação de sua produção. Além do mais, destaca-se o entendimento do contexto social e o elemento histórico como parte do funcionamento da língua. Nessa aproximação, salientam-se a valoração do conhecimento social e a autonomia do professor no processo de escolarização para que alunos e professores possam ter agência e liberdade nessa constituição.

Palavras-chave: Inteligência Artificial Generativa. Produção Escrita. Professores. Psicólogo Escolar. Queixa Escolar.

Abstract:

This study aims to undertake an analysis of the English writing process reported as a school-related complaint in face of the use of generative artificial intelligence. It further investigates how the relationships established between the educational literacy process and the broader social structure can be understood within this articulation by drawing on the ‘School Complaint Guidance’ framework, which encompasses economic, political, and

¹ Professora de Inglês e Psicóloga Escolar. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Email: rosa_frasao@hotmail.com.

cultural dimensions of society. Considering that school-based writing production requires motivation and promotes intentional and social awareness that shape thought (Vygotsky, 2009), the study seeks to develop collaborative strategies for understanding such complaints through the formulation of hypotheses that may contribute to meaning-making and to the development of pathways and new possibilities for action. In addition, the promotion of pertinent information within the school, as well as the integration of school network, call for individuals' potential to avoid individual blame but rather strengthen the movement of the complaint toward overcoming the conditions that produce it. Furthermore, the understanding of social context and historical processes is foregrounded as integral to the functioning of language. Within this perspective, the value of socially constructed knowledge and the autonomy of teachers in this process are emphasized so that both students and teachers may exercise agency and freedom in this formative process.

Keywords: Generative Artificial Intelligence. School Complaint. School Psychologist. School Teachers. Writing Production.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca trazer uma reflexão sobre desafios e possibilidades de enfrentamentos da Produção Escrita em inglês frente ao avanço da Inteligência Artificial Generativa no contexto escolar contemporâneo. A partir de uma aproximação entre a Orientação à Queixa Escolar, uma forma de atuação do psicólogo escolar, e a formação contínua docente, tendo como fundamento o materialismo histórico-dialético, pretende-se apresentar como essa parceria de conhecimentos e especificidades entre psicóloga escolar e educadores (professores e coordenadores pedagógicos) pode buscar soluções conjuntas frente a queixas escolares que permeiam o âmbito escolar diante de um mundo cada vez mais digitalizado e que influencia o processo de ensino e aprendizagem.

Diante do atual cenário em que há um crescente uso da Inteligência Artificial Generativa no contexto escolar, o relato jornalístico da Redação G1 (2025) retrata que 7 de cada 10 alunos do Ensino Médio usam Inteligência Artificial em pesquisas escolares, porém esses alunos relatam uma falta de orientação de como usá-la. Além de revelar a marcante desigualdade digital, devido à falta de recursos digitais e de acesso à rede de internet nos espaços escolares e contextos familiares, sobretudo, em áreas rurais, ressalta ainda a falta de orientação dos alunos sobre como usar essa ferramenta, levando a um maior distanciamento quanto aos benefícios que esse avanço digital pode trazer ao processo de ensino e

aprendizagem. Essa ferramenta é, pois, considerada um recurso de apoio ao trabalho docente e à aquisição de conhecimento do aluno, não sendo, de nenhuma maneira, considerada um substituto do trabalho docente.

Essa difícil realidade se agrava quando Ferreira (2025) relata, por meio da Agência Brasil, que a Inteligência Artificial tem ameaçado o processo de aprendizagem da escrita escolar, podendo ser considerado um retrocesso intelectual e não representar a desejada criatividade e autonomia presentes na finalidade do processo de escrita. Além do mais, regulamentações ainda frouxas podem dar espaço a insuficientes debates e à percepção indevida de riscos à comunidade escolar, quando, por exemplo, alunos passam a entregar trabalhos feitos inteiramente pela inteligência artificial generativa (quando ‘copia e cola’) ou são expostos a um viés ideológico sem o devido acompanhamento do professor que possa instruí-los e orientá-los a uma atuação apropriada frente ao histórico de aprendizagem. Ressalta-se ainda que o documento aprovado pelo Conselho Estadual de Educação em 19 de novembro de 2025 sobre a incorporação de um capítulo referente à Educação Digital e Midiática no currículo paulista apenas traz recomendações de como as escolas da rede estadual de São Paulo e demais municípios podem trabalhar esse tema, não havendo ainda uma apropriação consolidada de como serão trabalhadas no contexto escolar respeitando a realidade da escola e sua comunidade escolar (Fajardo, 2025).

Frente a isso, tem crescido o número de iniciativas voltadas à necessidade de desenvolvimento de competências digitais e midiáticas no currículo escolar. E essa promoção de ações se fazem diante do uso de ferramentas que permitem a criatividade, autonomia, confiabilidade, letramento e o desenvolvimento do pensamento crítico tanto por alunos quanto professores e tutores (Fajardo, 2025).

Assim, essas e outras notícias apontam concomitantemente para a necessidade de um olhar à essa realidade escolar na qual a psicóloga escolar faz parte e atua. No que tange à Orientação à Queixa Escolar, uma proposta crítica de atendimento à queixa escolar, a psicóloga escolar está atenta de que a crescente queixa escolar que envolve os desafios do mundo digitalizado frente ao uso da Inteligência Artificial Generativa dentro e fora da escola requer uma análise dos contextos psicológico, sociológico e sócio-histórico nos quais a escola está imersa. Esse entendimento de que a queixa faz parte do processo de escolarização não

individualiza e culpabiliza o sujeito aluno em sua atividade de ‘copiar e colar’, mas a psicóloga escolar, como salienta Souza (2007), procura buscar soluções conjuntas com os educadores dentro da realidade vivenciada pela escola de como considerar as práticas escolares a partir de uma movimentação de uma rede dinâmica de sentidos que respeitem o trabalho e esforço do professor, sua história, seus recursos e suas necessidades. Assim sendo, “dessa perspectiva, a queixa é produto de questões que emergem dentro do processo de escolarização, ou seja, de natureza social” (Negreiros, 2021, p.79)

ARTICULAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO CONTÍNUA DOCENTE E A ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR

Por conseguinte, tratando-se da atuação da psicóloga escolar dentro da escola, conforme o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2019), ela precisa promover o fortalecimento de uma gestão educacional democrática que considere todos os agentes participantes da comunidade escolar. Dessa forma, o entendimento da dimensão subjetiva do processo de ensino e aprendizagem se faz presente na apropriação de conhecimentos produzidos na sociedade, e a psicóloga escolar faz parte dessa conjuntura na qual a escola busca os conteúdos e os instrumentos necessários ao acesso ao saber. Assim, torna-se disponível um saber da Psicologia para questões da Educação (CFP, 2019).

Dessa maneira, a psicóloga escolar tem como premissa valorizar os sujeitos nas relações escolares, tendo como princípio a coletividade e as singularidades presentes nessa troca de experiências. Além disso, tem como função participar do trabalho de elaboração, avaliação e reformulação do projeto político-pedagógico, destacando a dimensão subjetiva da realidade escolar a partir da realidade objetiva. Dessa forma, faz parte de suas atividades conhecer dados relativos à organização escolar (CFP, 2019). Com isso, acrescenta-se que

no diálogo com educadores, as(os) psicólogas(os) podem desenvolver ações que contribuam para uma compreensão dos elementos constituintes dos processos de ensino e aprendizagem em suas dimensões subjetivas e objetivas, coletivas e singulares (p. 46).

Assim sendo, diante desta proposta de uma articulação entre a formação contínua docente e a Orientação à Queixa Escolar, a psicóloga escolar pode desenvolver ações em

parceria com os atores institucionais (professores e coordenadores pedagógicos) quanto aos desafios enfrentados diante do uso da Inteligência Artificial Generativa que compromete ao Processo de Produção escrita em inglês dentro e fora do espaço escolar, tais como possíveis atividades que podem ser desenvolvidas entre professores-alunos, cursos formativos e de letramento digital proporcionados dentro e fora do âmbito escolar, rodas de conversas entre professores, educadores-psicóloga-alunos, entre outros.

Esse trabalho conjunto de enfrentamento prima conhecer o processo de ensino e aprendizagem a partir de suas múltiplas dimensões- pedagógicas, institucionais, relacionais, políticas, culturais e econômicas-, “(...) para a compreensão das questões que envolvem a política educacional e suas implicações no trabalho docente. Esse propósito se constitui no que entendemos seja um processo de formação continuada” (CFP, 2019, p.46). E essa formação contínua pode ser mediada pela atuação da psicóloga escolar. Como afirma Souza (2007), a psicóloga escolar promove integrações pensadas nas redes de relações dentro da escola, e comprehende de uma maneira contextualizada a abertura de espaços que colhem expressões potentes e potências a fim de promover informações e versões de maneira ética.

Diante disso, a proposição de rodas de conversa entre psicóloga escolar e educadores fortalece a formação contínua docente de tal maneira que permite mobilizar os envolvidos e movimentar sentidos por meio da reflexão e trocas de experiências e práticas entre os participantes a fim de incentivar atuações dentro dessa rede. Dessa forma, “as psicólogas podem desenvolver ações que busquem o enfrentamento de situações naturalizadas no contexto escolar, superando explicações que culpabilizam ora estudantes, ora familiares, ora professores” (CFP, 2019, p.46).

Por meio dessa proposição, como salientam Rosa e Andriani (2011), é necessário buscar o fenômeno da totalidade em que o fenômeno se insere. Dessa forma, as ideias surgem da realidade material, sempre em transformação, porém é necessário ir além desta aparência, desvendando suas determinações. Em síntese, essas autoras destacam que “o conhecimento depende, portanto, da busca das determinações e relações intrínsecas e constitutivas dos fenômenos, sendo necessário, para tanto, buscar a compreensão da totalidade em que ele se insere” (p. 265). Dito isto, é necessário compreender a produção da queixa escolar parte de condições econômicas, sociais e históricas que permeiam a comunidade escolar.

Deste modo, a princípio, Pischedola e Mesquita (2022) salientam a necessidade de problematizar o formato escolar tradicional frente à cultura digital “(...) através da oportunidade de se rever as linguagens, as metodologias didáticas e as relações na sala de aula” (p.34) para que, assim, “(...) as novas demandas sociais caracterizadas pelo domínio das redes, pelo aligeiramento das informações e pela articulação de valores e culturas heterogêneas” (p.35) refletem a real compreensão do cenário atual. Isso permite rever como as atividades de produção escrita têm sido trabalhadas de tal maneira que o comum “encapsulamento da língua por meio de sua dissociação com o contexto social” (p.477) passe a ser devidamente explorado em seus elementos histórico e social para a compreensão da língua em sua heterogeneidade (Ferreira, 2001). Dessa forma, o ensino se constitui em um caminho adequado à agência do aluno frente a uma compreensão holística dos fenômenos (Ferreira, 2001).

Além disso, Pischedola e Mesquita (2022) destacam a importância de explicar aos atores institucionais o porquê de a escola precisar se adequar às ferramentas que estão disponíveis no cenário atual. Isso vai ao encontro do entendimento de que o ser humano constrói a si mesmo a partir das relações que estabelece com a realidade, na medida em que é determinado por ela e a transforma (Rosa e Andriani, 2011). Dessa maneira, entender que a cultura digital e suas implicações às práticas escolares fazem parte da nova realidade, permitindo uma reflexão crítica sobre a prática escolar. Além do mais, tal como destaca Ferreira (2018), no que concerne às atividades de produção escrita, é necessário refletir sobre o porquê das regras dadas e entender a atividade como uma parte de uma comunicação mais ampla tendo-se em vista que esse questionamento indica um pensamento teórico que revela o princípio de funcionamento da língua. Isso posto, tal como afirma Freire (1996) a respeito da reflexão crítica,

(...) o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (p. 21).

Ainda, no que tange à apropriação que fazemos sobre práticas de leitura e escrita atualmente, há uma demanda formativa quanto a ressignificações que essas práticas têm passado, tendo-se em vista as múltiplas possibilidades de tecnologias digitais, tais como a

Inteligência Artificial Generativa, dentro e fora do espaço escolar. Isso faz com que o professor, também agente transformador da realidade, não fique alheio a esse novo cenário social, mas problematize novos sentidos frente às novas demandas sociais (Gonçalves, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse contexto, a prática de intervenção da psicóloga escolar propicia um espaço de diálogo horizontal com os educadores com o intuito de promover o reconhecimento do trabalho dos professores frente ao valor de seu trabalho de humanização, de seus esforços diante da limitação dos recursos disponíveis, tanto quanto de favorecer ações e práticas na escola a respeito do saber fazer uso de forma crítica da mídia massiva e das novas tecnologias. Como traz Gonçalves (2022) sobre a importância de desenvolver nos docentes o pensamento crítico “quanto ao uso das tecnologias em contextos de ensino-aprendizagem, assim como o entendimento de como as tecnologias mudam e interferem em nossa vida, bem como nós moldamos e interferimos nas tecnologias” (p. 217).

No que tange à interface entre Psicologia e Educação, a psicóloga escolar tem muito a contribuir para que novas práticas de escrita estejam voltadas a uma formação responsável e crítica, sendo o Professor o mediador, o exemplo, a inspiração, a esperança, para que o contínuo processo de aprendizagem leve à autonomia e emancipação humana, pois como afirma Freire (1996) sobre a prática docente, “quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar é fazer certo” (p.19).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONSELHO Federal de Psicologia (Brasil). **Referências técnicas para atuação de psicólogo(as) na educação básica / Conselho Federal de Psicologia.** 2. ed. Brasília: CFP, 2019.

FAJARDO, V. **Escolas põem tecnologias no currículo e na interação com alunos e famílias.** Jornal Estadão. 27 novembro 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/escolas-poem-tecnologia-no-curriculo-e-na-interacao-com-alunos-e-familias,d715bd5e355b130e12483e1194fac471h3i1r7gx.html>. Acesso em: 30 nov. 2025.

FAJARDO, V. **Escolas de SP ganham currículo de educação digital e midiática, saiba como funciona.** Jornal Estadão. 27 novembro 2025. Disponível em: https://www.estadao.com.br/educacao/escolas-de-sp-ganham-curriculo-de-educacao-digital-e-midiatica-saiba-como-funciona/?srsltid=AfmBOooPS8kE_iwDZVe2IkgenGKXZgAsDvuTgSeJcABgCChm34MhTgvr. Acesso em: 30 nov. 2025.

FERREIRA, L. C. **Inteligência artificial ameaça aprendizado da escrita, alerta autor.** Agência Brasil, Brasília, 15 set. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2025-09/inteligencia-artificial-ameaca-aprendizado-da-escrita-alerta-autor>. Acesso em: 14 nov. 2025.

FERREIRA, M. M. **O pensar teórico e empírico em um curso de escrita acadêmica em inglês: por uma relação de agência do indivíduo com a língua.** Obutchénie: R de Didat. e Psic. Pedag./Uberlândia, MG, v.2, maio/agosto 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, L. A. C. **Tecnologias digitais, multiletramentos e formação docente.** In: VILAÇA, M. L. C.; GONÇALVES, L. A. C. (orgs.) *Cultura digital, educação e formação de professores*. São Paulo: Pontocom, 2022.

NEGREIROS, F. (org.). **Palavras-chave em psicologia escolar e educacional.** 1º ed. Campinas, SP: Alínea, 2021.

PISCHETOLA, M; MESQUITA, S. S. A. **Os sentidos da escola na cultura digital: possibilidades de mutações.** In: VILAÇA, M. L. C.; GONÇALVES, L. A. C. (orgs.) *Cultura digital, educação e formação de professores*. São Paulo: Pontocom, 2022

Redação G1. **7 em cada 10 alunos de ensino médio usam inteligência artificial em pesquisas; alunos relatam falta de orientação sobre como usar.** G1 Educação, 16 de setembro de 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2025/09/16/7-em-cada-10-alunos-de-ensino-medio-usa-m-ia-generativa-em-pesquisas-escolares.ghml>. Acesso em: 14 nov. 2025.

ROSA, E. Z.; ANDRIANI, A. G. P. **Psicologia sócio-histórica: uma tentativa de sistematização epistemológica e metodológica.** In: KAHHALE, E. M. P. (Org.). *A diversidade da psicologia: uma construção teórica.* 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA, B. P. **Apresentando a orientação à queixa escolar.** In: SOUZA, B. P. (Org.).
Orientação à Queixa Escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.